



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA DO SOCORRO GUEDES BARRETO

**O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA NO 5º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

MARIA DO SOCORRO GUEDES BARRETO

**O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA NO 5º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Fundamentos da Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Valdecy Margarida da Silva.

**JOÃO PESSOA – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B273p Barreto, Maria do Socorro Guedes

O papel do professor no processo de aquisição da leitura no 5º ano do ensino fundamental [manuscrito] : / Maria do Socorro Guedes Barreto. - 2014.

43 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Departamento de Educação".

1. Leitura. 2. Formação do leitor. 3. Ensino-aprendizagem.
4. Professor. I. Título.

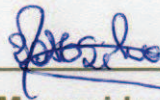
21. ed. CDD 372.4

MARIA DO SOCORRO GUEDES BARRETO

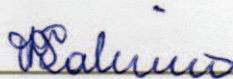
O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE LEITURA NO 5º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Aprovada em 34 de junho de 2014.

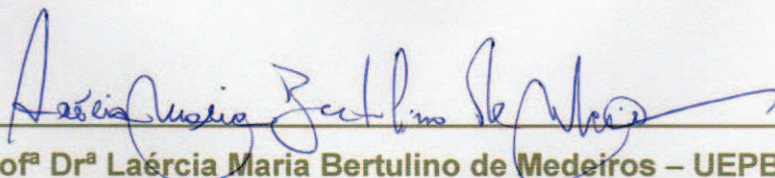
BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Valdecy Margarida da Silva – UEPB
Orientadora



Profª Drª Francisca Pereira Salvino – UEPB
Examinadora



Profª Drª Laércia Maria Bertulino de Medeiros – UEPB
Examinadora

Aos colegas de sala de aula, que se dedicam ao Curso de Especialização.

Aos nossos pais, irmãos e amigos, que nos apoiaram desde e sempre. Porque sem eles não conseguiríamos chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho.

Muito obrigada!

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim, uma definição. Uma tomada de posição... Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e me mobiliza. Sou professor a favor da beleza da minha própria prática. Beleza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais e necessárias sem as quais meu corpo descuidado corre o risco de se amofina e de já não ser o testemunho que devo ser lutador pertinaz que cansa, mas não desiste.

Paulo Freire (1996).

RESUMO

O papel do professor não é mais o de ensinar, mas o de oferecer estímulos e desafios à criança, para que ela faça suas próprias descobertas. Este trabalho monográfico trata do papel do professor no processo de aquisição leitura no Ensino Fundamental. Uma pesquisa de campo foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. João Navarro Filho, no bairro Valentina Figueiredo I, em João Pessoa e teve o objetivo de investigar a importância do docente na aquisição e aprimoramento da leitura em uma turma do 5º ano. No que diz respeito à compreensão dos pressupostos teóricos metodológicos que fundamentam os diferentes modelos ou paradigmas do papel do professor no processo de leitura, utilizamos as contribuições de autores como Massini-Cagliari e Cagliari (1999), Campos (2012), Castro Gomes (2009), Soares (2003), Ferreiro e Teberosky (1999), dentre outros. O que se observa é que o papel do professor no processo de leitura vem sendo cada vez mais motivo de discussões na área de educação nos últimos tempos. Para que pudessemos chegar mais próximo do que realmente acontece no ambiente escolar, aplicamos um questionário com professores do Ensino Fundamental abordando a forma como ele está assumindo o seu papel de mediador entre o conhecimento e o aluno através do enfrentamento das dificuldades de leitura apresentadas pelo aluno. Após a obtenção dos resultados realizamos uma discussão sobre os mesmos, para que pudessemos a realidade em nosso campo de pesquisa. Concluímos que o ambiente escolar deve ser rico em estímulos, pois ele é que irá propiciar à criança oportunidades para seu desempenho como leitor possa ser estimulado, de modo que ele consiga observar, comparar, pensar, verbalizar e elaborar as suas próprias conclusões acerca daquilo que está lendo.

Palavras-chave: Leitura, Formação do leitor, Ensino-Aprendizagem, Professor.

ABSTRACT

The teacher's role is not to teach but to offer incentives and challenges to the child, for it to make their own discoveries. This monograph gets works deals with the role of the teacher in the process of reading in a class of 5th grade of elementary school. The research was conducted on the Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. João Navarro Filho, in the Valentina's neighborhood, in João Pessoa, and intends to investigate and discuss some alternatives in relation to this theme. Regarding the understanding of theoretical and methodological assumptions underlying the different models or paradigms of the role of the teacher in the reading process, we use the contributions of authors like Massini-Cagliari and Cagliari (1999), Campos (2012), Castro Gomes (2009), Soares (2003), Ferreiro and Teberosky (1999), among others. What is observed is that the teacher's role in the reading process has been increasingly a controversial issue in the field of education in recent times. So we could get closer than really happens in the school environment, we applied a questionnaire with elementary school teachers addressing how he is assuming the role of mediator between knowledge and the student through coping with reading difficulties presented by the student. After obtaining the results carried out a discussion about them, so we could reality in our field of research. We conclude that the school environment must be rich in stimuli, because it is that will provide children with opportunities for his performance as reader may be stimulated, so that he can observe, compare, think, verbalize and draw their own conclusions about what are reading.

Keywords: Reading, Formation of the reader, Learning, Teacher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1	
O ESPAÇO DA LEITURA NA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR.....	13
1.1 O papel do professor.....	13
1.2 Leitura e Conhecimento.....	15
1.3 Leitura e estratégias de leitura.....	19
1.4 O ensino da leitura.....	21
1.5 A leitura na escola.....	23
CAPÍTULO 2	
A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	28
2.1 Característica da pesquisa.....	28
2.2 Situando o campo de pesquisa.....	29
2.3 Características dos sujeitos da pesquisa.....	29
2.4 Instrumentos da pesquisa.....	30
CAPÍTULO 3	
DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
ANEXOS.....	42

INTRODUÇÃO

Segundo estudos atuais sobre ensino e a aprendizagem, o professor é considerado o mediador entre o conhecimento e o aluno, bem como incentivador do processo de aprendizagem do aluno. Dessa forma, passa a ser papel do professor tornar os conceitos e conteúdos possíveis de serem aprendidos pelos alunos, fornecendo as informações necessárias que eles não têm condições de obter sozinhos. Para isso, o professor deverá ter um amplo conhecimento dos conteúdos a serem trabalhados; conduzir e organizar o trabalho em sala de aula buscando desenvolver a autonomia dos alunos e estimulá-los continuamente, motivando-os a refletirem, investigarem, levantarem questões e trocarem ideias com os colegas.

Ainda, é importante que o professor conheça as condições socioculturais, as expectativas e as competências cognitivas dos alunos, pois, desta forma, ele terá condições de selecionar situações-problema relacionadas ao cotidiano dos alunos. É relevante, também, o trabalho com os conteúdos em diversos contextos, a fim de oportunizar a aprendizagem dos alunos.

Este trabalho monográfico trata do papel do professor no processo de leitura. Foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. João Navarro Filho, no Bairro Valentina Figueiredo I, em João Pessoa/PB, com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, tendo a intenção de investigar e discutir algumas alternativas em relação a este tema. No que diz respeito à compreensão dos pressupostos teórico metodológico que fundamentam os diferentes modelos ou paradigmas do papel do professor no processo de leitura, utilizamos as pesquisas dos seguintes autores: Massini-Cagliari e Cagliari (1999; 2009), Bragança (2005), Magna Campos (2012), Castro Gomes (2009), Magda Soares (2003), Emília Ferreiro e Teberosky (1984), Rego (1988), entre outros.

O papel do professor no processo de leitura vem sendo cada vez mais motivo de discussões na área de educação, nos últimos tempos. Para que nossos alunos se tornem leitores, efetivamente, e para que a leitura seja uma prática social em suas vidas, é preciso que ela comece a se tornar uma prática relacionada com esta dimensão. A importância em pesquisar o problema está nas consequências que o resultado da pesquisa poderá trazer para a prática pedagógica, encaminhando as

reflexões sobre as atividades dos professores em relação ao processo de ensino da leitura na sua prática.

Desenvolver estratégias de leitura, a partir do uso de vários gêneros textuais e atividades lúdicas, que capacitem e tornem os alunos bons leitores é uma das funções da escola. É necessário que identifiquemos o desenvolvimento da leitura dentro do contexto escolar. É necessário fazer da escola uma comunidade de leitores praticantes e não sujeitos que possam apenas “decifrar” o sistema de escrita. Formar seres humanos críticos capazes de ler nas “entrelinhas” é o objetivo de muitos educadores que estão comprometidos com a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para tanto, procedeu-se uma revisão da literatura, bem (colocar no resumo) como foi aplicado um questionário com professores do Ensino Fundamental abordando a forma como o professor está assumindo o seu papel de mediador entre o conhecimento e o aluno através do enfrentamento das dificuldades de leitura apresentadas pelo aluno. A pesquisa, de caráter exploratório, ressalta a necessidade de um olhar mais atencioso para as dificuldades de leituras apresentadas pelos alunos na educação básica.

Para a organização deste trabalho monográfico, apresentamos as discussões em forma de capítulos. O primeiro capítulo aborda a fundamentação teórica do tema em estudo, para dar sustentação ao problema e aos objetivos da pesquisa. No segundo capítulo, apresentamos os aspectos metodológicos que descrevem os instrumentos de coleta de dados e os sujeitos envolvidos no estudo. No terceiro capítulo, procedemos com a análise dos dados, enfatizando a forma como o professor está assumindo o seu papel de mediador entre o conhecimento e o aluno.

Finalizando, apresentamos nossas considerações finais nas quais sugerimos meios que possibilitassem uma melhor forma de minimizar as dificuldades de aprendizagem de leitura na escola.

CAPÍTULO 1

O ESPAÇO DA LEITURA NA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR

1.1 O papel do professor

O papel do professor é fundamental tanto no que se refere ao processo de leitura quanto ao processo da escrita. Ele é o mediador da relação entre o aluno e a aprendizagem e deve estar ciente de que, além de propor as atividades que planejou, deve ajudar o aluno a avançar cognitivamente. Isso quer dizer que em vez de deixar o aluno descobrir sozinho para que serve a leitura e de que modo ela representa graficamente o pensamento e a linguagem (prática que poderíamos chamar de espontaneísta), o professor deverá auxiliá-lo e levá-lo a refletir sobre suas pré-concepções de modo que o aluno supere conceitos equivocados ou incompletos e substitua-os por novos conceitos.

De acordo com as considerações de Massini-Cagliari e Cagliari (1999):

Ser “mediador” não pode ser entendido apenas como sendo um aplicador de pacotes educacionais ou um mero constatador do que o aluno faz ou deixa de fazer. Ser mediador deve significar, antes de tudo, estar entre o conhecimento e o aprendiz e estabelecer um canal de comunicação entre esses dois pontos (MASSINI-CAGLIARI e CAGLIARI, 1999, p.225).

Além de desempenhar o papel de mediador, o professor também tem o papel de educador. Ser educador significa orientar os alunos em todos os momentos, nas situações que possam surgir dentro e fora da escola. A orientação dada pelo professor tende a influenciar o desenvolvimento da criança. Por isso, é fundamental que o professor haja com discernimento, boa vontade e respeito pelo que faz, pela escola e, principalmente, pelos alunos que são indivíduos que estão conhecendo o mundo e assimilando novos conceitos.

Ainda segundo Cagliari (1999), quanto à sua importância como mediador no processo ensino-aprendizagem, sabe-se que o professor é aquele a quem o aluno primeiramente revela seu desempenho enquanto estudante. O professor deve apresentar ao educando meios de tornar mais satisfatória a aprendizagem, de modo que a aquisição do conhecimento se torne produtiva, sistematizada.

Um dos maiores desafios da escola é ensinar os alunos a ler e compreender o que lêem; ou seja, formar leitores suficientemente competentes. Para vencer esse desafio, o professor precisa valer-se de práticas pedagógicas eficazes. Compreender em que consiste o ato de ler também é um requisito necessário para que o professor possa agir com confiança.

O papel do professor vai além da mediação. Assim como em todas as outras disciplinas nas quais busca estratégias, planeja e organiza seus conhecimentos para promover a aproximação dos alunos de um determinado campo do conhecimento, com a leitura não é diferente.

É preciso planejar, buscar novas e diferentes estratégias para aproximar o leitor do texto e, dessa forma, auxiliar os alunos no desenvolvimento de competência e habilidades de leitura. Desde os primeiros contatos com a leitura, é preciso “descobrir” caminhos que levam a apropriação do texto, para que o leitor possa dar sentido, forma, consistência aquele conteúdo.

Um dos deveres do professor, segundo Freinet (*apud* FERRARI, 2009), é criar uma atmosfera laboriosa na escola de modo a estimular as crianças a fazerem experiências, procurarem respostas para suas necessidades e inquietações, ajudando e sendo ajudados por seus colegas e buscando no professor alguém que organize o trabalho.

Foucambert (1994) assevera que a escola deve ser um espaço onde o aluno tenha acesso a diversos textos, para que o mesmo não fique preso apenas a uma leitura imposta pelo professor, que muitas vezes é cansativa e enfadonha. Todo professor precisa gostar de ler, para assim, poder incentivar seus alunos a uma prática de leitura, para assim retratar a importância da criticidade em relação à mesma, trabalhada na escola.

Ainda segundo o referido autor (1998, p. 50): “[...] A escola precisa de uma reflexão muito, mas fundamental, precisa de entender o que é leitura [...]. Provocar nos professores uma de consciência sobre o que é a leitura a partir de sua própria prática [...]”.

Em sala de aula, é possível desenvolver ações pedagógicas críticas seguindo-se princípios que orientam o ensino-aprendizagem. São eles: princípios do ensinar-aprender, perguntas ao invés de respostas, da não centralidade do texto, do aprendiz como preceptor-representador, do conhecimento como linguagem, da cons-

ciência semântica, da limitada aprendizagem, da incerteza do conhecimento, da participação ativa do aluno.

De acordo com Moreira (2005):

O papel do professor é possibilitar que o aluno aprenda a aprender. Isso significa aprender a se desenvolver na escola e depois dela. De acordo com o autor, educar, para Piaget, é “provocar a atividade”, isto é, estimular a procura do conhecimento. O professor não deve pensar no que a criança é mais no que ela pode “se tornar” (MOREIRA, 2005, p.19).

Podemos inferir, a partir das considerações do autor, é um elemento essencial ao ensino-aprendizagem, uma vez que, estando mais próximo do aluno, ele pode detectar as reais necessidades e possibilidades de aprendizagem do educando. Por esta razão, espera-se que ele seja capaz de estimular a potencialidade dos seus alunos.

O docente precisa refletir sobre sua prática pedagógica, para que possa avaliar como está sendo desenvolvida sua intervenção junto aos seus alunos, no que se refere ao seu papel de mediar a aquisição da escrita, bem como o aprimoramento da sua capacidade leitora.

Sobre o assunto, conforme asseveram Castanheira, Maciel e Martins (2009, p. 16): “O ato de ensinar a ler e escrever, mais do que possibilitar o simples domínio de uma tecnologia, cria condições para a inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento e em diferentes instâncias sociais e políticas”.

Realizar uma autoavaliação acerca das ações pedagógicas no espaço escolar é perceber em que medidas se articulam e se entrelaçam as dimensões sociais, culturais e individuais e todos os envolvidos no processo educativo, uma vez que o conhecimento, devido à sua dinamicidade, se transforma de acordo com o movimento histórico de cada sociedade.

1.2 Leitura e conhecimento

Muito antes de começar a frequentar a escola, a criança já possui uma série de conhecimentos sobre a língua escrita. Esses conhecimentos são decorrentes da interação sociocultural que ela mantém ou manteve com a leitura e da relação com

pessoas já alfabetizadas; relação esta que ocorre nos mais diversos contextos em que ler e escrever tem função social.

Mesmo a criança filha de pais não alfabetizados ou com baixo grau de escolarização, ou ainda aquelas que vivem em zonas não urbanas, podem possuir algum conhecimento sobre a função da leitura e da escrita. O professor deve partir dos conhecimentos prévios dos alunos para levá-los a construir novos conhecimentos acerca da linguagem.

Dentre as mais diversas teorias de ensino-aprendizagem, desenvolvida ao longo das últimas décadas, o construtivismo de Piaget e o interacionismo de Vygotsky revolucionaram a concepção de ensino e têm exercido uma influência decisiva, de modo geral, nas teorias psicopedagógicas da atualidade e, de modo particular, em livros didáticos e ações pedagógicas levadas a efeito em sala de aula.

Segundo Piaget (1986), psicólogo, biólogo e filósofo suíço, existem alguns fatores do desenvolvimento mental, a saber: a maturação do sistema nervoso, o ambiente físico, o ambiente social e a equilibração progressiva. Cada um desses fatores deve ser levado em conta pela escola, que tem como fundamento o desenvolvimento do raciocínio.

Para tanto, convém propiciar a criança um ambiente físico da melhor qualidade, estimular a interação social e observar o mecanismo da equilibração (processo pelo qual as estruturas se geram de modo integrativo, levando gradualmente o indivíduo a uma compreensão mais perfeita da realidade exterior).

Para Piaget (1986), o conhecimento está em permanente construção e ocorre por meio das interações do indivíduo com meio em que vive. Cada novo conhecimento sedimenta-se sobre conteúdos já adquiridos por processos de assimilação e de acomodação. Há, portanto, um desequilíbrio inicial seguido de um novo equilíbrio ou reequilíbrio.

Para o psicólogo suíço, existem três tipos de conhecimento: o físico, o lógico matemático e o social, que representam três etapas sucessivas dentro do processo de construção do conhecimento. Inicialmente, a criança age e coordena ações sobre os objetos e, por meio de experiências, realiza descobertas, invenções (conhecimento físico).

A partir dessa série de ações, coordenadas por seu pensamento, ela estabelece relações com tais objetivos (conhecimento lógico matemático). E, finalmente,

após ter desenvolvido os conhecimentos prévios necessários, a criança passa a agir sobre tais informações, transformando-as e, principalmente, transformando-se para incorporá-las ao seu dia a dia (conhecimento social).

Segundo a concepção de Vygotsky, psicólogo russo, que dedicou sua vida a aprendizagem significativa e a metodologia de trabalho em ensino aprendizagem:

É preciso considerar, pelo menos, duas zonas de desenvolvimento: real e potencial. A primeira se mostra na capacidade de a criança realizar tarefas de forma independente, sozinha, de maneira correta e sem dificuldade. A segunda zona refere-se aos aspectos do desenvolvimento em processo de realização, que se observa, na escola, na incapacidade de a criança executar sozinha determinadas atividades; necessitando de auxílio ou da orientação do professor e, ou interação com os (VYGOTSKY, 1987, p. 65).

Ainda segundo Vygotsky (1985), em sua metodologia de trabalho, revoluciona a prática pedagógica do professor em sala de aula com alguns princípios fundamentais, sintetizados a seguir:

- O homem, sendo um ser social e histórico transforma o meio e é por este transformado.
- O professor, ao torna-se um mediador entre o aluno e o conhecimento sociocultural presente na sociedade, privilegia uma metodologia que favorece a mudança.
- O processo ensino aprendizagem apóia-se na interação professor-aluno-meio, devendo o professor ficar atento às dúvidas e impasses e, principalmente, estar aberto a essas possibilidades.

Baseado nesses princípios teóricos surgiu, na atualidade, o sociointeracionismo, síntese do construtivismo e do interacionismo, teoria que concebe o conhecimento como um processo construído pelo indivíduo, em interação com o meio. Essa nova concepção de ensino aprendizagem passou a ser adotada por inúmeros professores e/ou escolas.

Além dos dois autores supracitados, no método didático pedagógico de Freire (2011), a inspiração para uma aprendizagem comprometida com os ideais de igualdade, liberdade e justiça é o tripé sobre o qual repousa a formação da cidadania.

Para o autor, a palavra é um instrumento de conhecimento do homem sobre si mesmo e sobre a sua situação no mundo.

Além disso, “o papel do educador não é o de encher o educando de conhecimento de ordem técnica ou não, mas o de proporcionar, através da relação de alôgica, educando – educador, a organização de um pensamento correto em ambos”. Desse modo, Freire (2011) propõe que a educação seja encarada como um diálogo, uma via de mão dupla.

Nesse processo dialógico entre professor e aluno, ocorre uma troca dinâmica de experiências sociais, pois todos passam a compartilhar das experiências dos demais.

E nessa interação social os alunos, ao adquirirem instrumentos de ação adequados as suas realidades, irão paulatinamente modificando, diversificando e enriquecendo seus conhecimentos; adquirindo, desse modo, além de uma aprendizagem eficaz e significativa, uma consciência crítica, importante pilar para o exercício da cidadania.

De acordo com as considerações de Freire (2011), o professor tem por tarefa principal o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, para formar os verdadeiros cidadãos.

Neste contexto, o conhecimento da leitura e escrita, alicerces sobre o qual se constrói a cidadania, é basilar não só em qualquer processo de ensino-aprendizagem, mas, também, na recepção e na transmissão diária de informações. É por meio da língua que o indivíduo se expressa e se comunica com seus semelhantes, defende ou ataca opiniões ou pontos de vista, dá e recebe informações, ampliando o conhecimento de si próprio e do mundo em que vive.

As práticas educativas devem ser organizadas de modo a garantir, progressivamente, que os alunos sejam capazes de considerar a necessidade das várias versões que a produção de texto escrito requer, empenhando-se em produzi-las com ajuda do professor.

Para alcançar tal objetivo, o professor deve propor situações que valorizam a leitura e a escrita para levar o aluno a expressar-se e a comunicar-se com eficiência e eficácia tanto na escrita quanto na fala nas mais variadas situações comunicativas, com vistas a maior integração da criança na sociedade.

1.3 Leitura e estratégias de leitura

A leitura envolve a busca do significado de um texto e se processa na medida em que o leitor consegue interagir com ele. Sabe-se, no entanto, que essa interação é diferenciada para cada leitor e depende dos seus conhecimentos sobre o assunto e de seus interesses.

O conhecimento das estratégias de leitura é de fundamental importância para o professor, pois lhe permitirá melhor compreensão dos mecanismos acionados pela mente do leitor subjacentes ao ato de ler. E, assim, poderá auxiliar o aluno a ler com propriedade e eficiência.

Segundo as considerações de Foucambert (1998, p. 62) a respeito do assunto em pauta:

Há uma relação recíproca entre usar estratégias de leitura e interpretação de texto. Emprega-se uma estratégia porque se está entendendo o texto, entende-se o texto porque se está aplicando a estratégia. Não se trata de etapas ou de estágios que se sucedam no tempo, na maioria das vezes ocorre na mente do leitor, de modo ora simultâneo ora sucessivo, imbricando-se e/ou fundindo-se (FOUCANBERT, 1998).

Atitudes como gostar de ler e interessar-se pela leitura são construídas aos poucos por algumas pessoas, no convívio familiar e em outras vivências onde o hábito de ler circula no cotidiano. Cagliari (1998, p.148) afirma que “[...] a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura”.

De acordo com Solé (1998, p.11) “[...] a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto”. Essa afirmação é muito importante, e varia de leitor para leitor, porque só podemos dizer que existe leitor de fato, se existe um verdadeiro objetivo diante do que é lido.

Para que o leitor possa conseguir construir o sentido do texto é preciso a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento do mundo, pois estes estão unidos uns aos outros. O leitor utiliza diversos níveis de conhecimentos que interagem entre si. A leitura é considerada um processo interativo onde entra o cotidiano dos alunos, o imaginário e a fantasia do universo dos livros.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999): “A psicogênese da leitura deve ser analisada e melhor compreendida sob uma visão interacionista, desde que seja associada a outros aspectos linguísticos, políticos sociais e filosóficos”.

Para que tenhamos uma melhor compreensão a respeito do processo de leitura, devemos considerar as etapas prescritas por Cabral (1986), as quais podem ser reconhecidas enquanto: decodificação, compreensão, interpretação e retenção.

Mais especificamente, a decodificação é o resultado do reconhecimento dos símbolos escritos, bem como da relação destes com os significados; por outro lado, a compreensão se dá no momento em que o leitor absorve do texto a temática e as ideias principais; no que concerne à interpretação, dizemos que é a fase de utilização crítica do leitor, a fase em que ele elabora julgamentos sobre o que está lendo; por último, a retenção, que diz respeito ao que é absorvido pelo autor daquilo que compreendeu ou interpretou sobre o texto.

Ao pensarmos o ensino da leitura é importante que se considere seus diferentes objetivos. A leitura de um romance, por exemplo, pode caracterizar fruição enquanto que a leitura de uma lista telefônica tem por finalidade a mera localização de um endereço ou número.

E isso é algo que deve ser ensinado. Quando há clareza desses propósitos, a interação do leitor com o texto é favorecida, haja vista que ele poderá ativar as estratégias mais adequadas à realização da atividade propostas.

Por exemplo, Antunes (2003), ao referir-se ao trabalho realizado com jornal em sala de aula, esclarece que o mesmo traz seções variadas que suscitam diferentes comportamentos de leitura.

Sobre o assunto, Solé (1998) destaca que:

É de grande importância utilizar textos que circulam socialmente, como: cartas, textos da mídia, mensagens, bilhetes, manuais, etc. De nada adianta o aluno aprender estratégias que serão aplicadas para textos que são utilizados como textos somente na esfera escolar (SOLÉ, 1998, p.72).

As estratégias de leitura deve ser um processo coletivo, com a participação do professor e de seus alunos. Ressaltamos, ainda, a importância de o docente assumir o papel de mediador, procurando conduzir os discentes a uma condição de autonomia e desenvolvam a competência leitora.

Segundo os pressupostos de Yolanda Reyes, em entrevista concedida à revista Nova Escola (agosto de 2012), precisamos mostrar aos estudantes que a leitura também tem a ver com sentimentos e toma tempo, mais não é um desperdício”.

A leitura é algo tão imprescindível e inerente ao nosso desenvolvimento, enquanto acadêmicos, que nem nos damos conta de como vive alguém que não lê, de como a criança encara essas atividades.

Um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar a criança a ler. O grande problema, nesse caso, é que a escola ensina a ler sem ensinar o que é ler. A maneira como a escola trata a leitura leva, facilmente, muitos alunos a detestá-la, o que é realmente um irreparável desastre educacional.

Não basta saber ler para ler. É preciso ter uma motivação para isso. Sendo assim, a fim de despertar no aluno o interesse pela leitura, o professor deve oferecer condições para que os leitores leiam e quando lerem não apresentem dificuldades para realizar tal façanha.

1.4 O ensino da leitura

De acordo com os estudos de Braggio (1992), o processo transacional de ler é compreendido como aquele em que três sistemas linguísticos são utilizados pelo leitor: o primeiro deles, que é o grafofônico (formado pelos sistemas ortográfico, fonológico, e fônico); o segundo, que é o sintático (gramática da língua e pode representar o significado) e terceiro, o semântico (modo como o sentido do texto é construído e compreendido pelo leitor e que influencia, conhecimento de língua seu uso, e dos textos).

Constatamos, portanto, que o processo da leitura envolve o indivíduo em toda a sua completude; de forma individual, mas integrada na convivência com outras pessoas e com outro mundo, como assevera Martins (1996, p. 25) quando diz que “a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo.”

A este respeito, Freire (1994, p.12) reforça a proposição acima ao afirmar que “o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo”.

O referido autor continua dizendo:

[...] a decifração da palavra fluía naturalmente da ‘leitura’ do mundo particular [...] fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. Por isso, é que ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos [...] já estava alfabetizado.

O processo de ensino e aprendizagem da leitura na escola é um tanto quanto difícil, pois existem vários fatores impossibilitando o acesso ao ensino da leitura, como por exemplo: as questões linguísticas de aprendizagem; os aspectos físicos da escola, as condições de trabalho e formação de professores, dentre outros pontos.

O problema do ensino da leitura não se situa no nível do método, mas na própria conceituação do que a leitura, da forma em que é avaliada, do papel que ocupa no projeto curricular da escola e a aprendizagem não vivenciada para todos os alunos da mesma forma. Nesse sentido, é importante que o professor tenha conhecimento da relação língua – sociedade, para boa atuação na sala de aula.

A pré-leitura é uma das estratégias a serem ensinadas aos alunos antes da leitura. Amorim (1997) explica que essa fase tem por objetivo ativar o conhecimento prévio que o aluno possui sobre o assunto e, ainda, levantar, hipóteses sobre a temática do texto a ser lido.

Kleiman (2008, p. 21) explica que “para haver compreensão, aquela parte do nosso conhecimento de mundo, que é relevante para a leitura do texto, deve estar ativada; isto é, deve estar num nível ciente e não perdida no passado de nossa memória”.

O professor pode auxiliar os alunos a ativarem seus conhecimentos prévios e fazer inferências a partir de questionamentos orais. Para isso, os alunos deveram ser ensinados por meio da mediação.

O professor deve apontar elementos no texto que são importantes que, segundo Amorim (1997, p. 8), envolve observação dos elementos não verbais do texto, análise do título e subtítulo – observando as palavras chaves e tentando inferir o significado das palavras desconhecidas presentes no texto – e a elaboração de um mapa semântico de pré-leitura.

A leitura exige estratégias metacognitivas, o leitor tem que avaliar a própria compreensão. Ele deverá ser capaz de verificar se as predições que fez a partir do título e das ilustrações se confirmam durante a leitura, como também selecionar as

ideias principais do texto. A mediação do professor é que proporcionará aos discentes o desenvolvimento da capacidade de compreensão leitora.

Conforme afirma Solé (1998), a respeito do assunto em discussão, é fundamental que o professor realize a leitura compartilhada junto aos alunos.

Pós-leitura é a atividade realizada após a leitura, é de grande importância que o aluno continue utilizando algumas estratégias que facilitem a sua compreensão a respeito do que leu. Uma delas é identificar a idéia principal do texto. De acordo com Solé (1998), o professor deve realizar essa atividade junto com os alunos.

O processo de desenvolver e aplicar estratégias de leitura não ocorre naturalmente. Portanto, deve ser ensinado. Sendo assim, o professor, em sala de aula, deve atuar como mediador para auxiliar os alunos no desenvolvimento da capacidade de leitura e na compreensão leitora.

1.5 A leitura na escola

A escola é de fundamental importância para a formação de alunos leitores. Se o aluno não se sair bem nas outras atividades, mas se for um bom leitor, a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. “Compreender que educar pessoas e despertar o que há de melhor dentro delas mesmo é o primeiro passo para o surgimento de um grande professor” (ALVES, 2004, p. 22).

A escola deve ser um espaço que motive e não somente que se ocupe em transmitir conteúdos. Para que isso ocorra, o professor precisa propor atividades que os alunos tenham condições de realizar, que despertem a curiosidade deles e que os faça avançar. É necessário levá-los a enfrentar desafios, a fazer perguntas e procurar respostas.

A atividade de leitura na escola deve ser atrativa e os textos devem ser adequados. Para ter uma boa leitura a escola precisa trabalhar vários tipos de textos, sempre buscando conhecimentos relacionados ao seu mundo.

O processo de leitura tem sido objeto de vários estudos. Autores como Smith (1982) e Goodman (1986) trouxeram importantes contribuições na ênfase da leitura como atividade que deve buscar o sentido. Esses autores consideram a leitura como um jogo de adivinhações onde a antecipação é fundamental e é acompanhada por uma autocorreção. Aprende-se a ler, lendo.

Aprender não é só memorizar informações. É preciso saber relacioná-las, ressignificá-las e refletir sobre elas. É tarefa do professor, então, apresentar bons pontos de ancoragem, para que os conteúdos sejam aprendidos e fiquem na memória, e dar condições para que o aluno construa sentido sobre o que está vendo em sala.

Se o aluno tem dificuldades na decodificação ou lê muito lentamente e no final de uma atividade de leitura as informações se perdem, a primeira coisa que o aluno deve fazer para ganhar fluência é parar de ler sílaba por sílaba para chegar as palavras como fazem as crianças em fase inicial de leitura.

Em segundo lugar, é fundamental que ele construa um “dicionário mental”, que lhe permite tomar uma palavra não como uma nova palavra, mas como algo que já conhece e, por isso, se reconhece. A partir daí o estudante deve buscar deixar de ler palavra por palavra, para ler os grupos de palavras.

Para que esse trabalho tenha sucesso, é preciso a colaboração de todos os educadores. Todos devem ministrar suas aulas em atividades que estimulem o gosto pela leitura. Todo esse processo de ensino-aprendizagem precisa ser eficaz para que os estudantes avancem intelectualmente e sejam aprovados não só pela escola como, também, pela sociedade.

Aprimorar a competência leitora, bem como aprimorar a capacidade de interpretação constitui-se como tarefa árdua na formação das pessoas. Esta questão precisa ser trabalhada durante a formação escolar. O docente, por ser mediador, deve agir com cautela e qualidade. É de suma importância que este profissional, estimule os educandos a praticar a leitura, objetivando a aquisição da linguagem e o desenvolvimento da escrita.

Grande parte desses problemas tem sua origem dentro dos limites físicos da escola. Trata-se dos problemas reativos, condicionados por inúmeros fatores escolares, dentre eles podemos destacar a dificuldade na relação professor-aluno, nas relações entre os alunos, a inoperância da metodologia didática, a não aceitação da troca de professor, as dificuldades de adaptação ao ambiente escolar por parte dos alunos, bem como devido ao número excessivo de alunos por sala de aula (MONTEIRO, 2003, p.42).

Constata-se, portanto, que há muito o que melhorar no sentido de transformar a escola em um lugar verdadeiramente adequado à formação de novos cidadãos.

Neste sentido, uma das responsabilidades da escola é despertar na criança o gosto pelo aprendizado, e aí podemos incluir a prática da leitura como a tarefa-mor, bem como o hábito de recorrer aos livros, não apenas para obter informação e resolver problemas, mas também para ter a leitura como prazer, um canal de entrada para o imaginário.

Lamentavelmente, uma série de inverdades passam a ser veiculadas em ambientes educacionais, as quais costumam atribuir maus desempenhos na utilização da leitura e da escrita a determinadas camadas da sociedade. Sobre o assunto, Soares (1987), explica que o mito da deficiência linguística e cultural baseia-se na suposição de que:

(...) As crianças das camadas populares chegam à escola com uma linguagem deficiente que impede de obter sucesso nas atividades e aprendizagem: sua linguagem é pobre, usam frases incompletas, curtas, monossilábicas. Sua sintaxe é confusa e inadequada à expressão do pensamento lógico: cometem “erros” de concordância, de regência de pronúncia: comunicam-se muito mais através de recursos não verbais do que recursos verbais. Em síntese, são crianças deficitárias linguisticamente (SOARES, 1987, p.20).

Espera-se que os procedimentos relativos à prática da leitura possam permitir que se efetive em sala de aula um espaço de interação e produção de sentidos, uma vez que o indivíduo-leitor não pode ter a sua realidade sócio-histórico-ideológica, bem como sua história de leituras renegados no processo de construção de significados durante o ato de leitura.

Sobre o assunto, defende Coracini, que “é o momento histórico social que determina o comportamento, as atitudes, a linguagem de um e de outro e a própria configuração do sentido” (2002 p. 15).

Colaborando com este argumento, Orlandi assevera que “a leitura é produzida em condições determinantes, ou seja, em contexto sócio-histórico que deve ser levado em conta”. E complementa, ao afirmar que as “leituras que são possíveis, para um mesmo texto, em certas épocas não o foram em outras e leituras que não são possíveis hoje o serão no futuro” (1996a, p. 86).

Neste sentido, os exercícios de interpretação de um texto precisam estar embasados em uma visão que considere um leque de respostas possíveis, segundo as quais os educandos poderão posicionar-se, bem como tornar-se-ão capazes de elaborar associações. Isso fará com que cada um, à sua maneira, dê um significado

particular à sua leitura, na medida em que leva em consideração sua realidade sócio-histórica.

No que concerne a esta discussão, Orlandi (1996) salienta, ao mesmo tempo em que chama a nossa atenção para que consideremos alguns fatores fundamentais sobre a prática da leitura em sala de aula, especialmente, sobre o trabalho do professor junto aos alunos.

São estas as suas palavras:

A contribuição do professor, em relação às leituras previstas para um texto, é modificar as condições de produção de leituras do aluno, dando oportunidade a que ele construa sua história de leituras e estabelecendo, quando necessário, as relações intertextuais, resgatando a história dos sentidos do texto, sem obstruir o curso da história (futura) desses sentidos (ORLANDI, 1996, p. 88).

Igualmente defende Orlandi (1996, p. 88) que “seria desnecessário lembrar que o professor não deve perder de vista que essa história de leituras do aluno não é necessariamente igual a sua”. Sendo assim, os exercícios de interpretação devem levar o educando a extrapolar os limites do texto, tecendo associações entre aquilo que está escrito, as experiências que traz consigo e com o contexto no qual está inserido. Esse tipo de postura possibilita que seja posta em evidência sua história individual.

De acordo com as considerações de Carvalho (2002), a aquisição da leitura se torna mais efetiva quando os leitores já detêm algum entendimento a respeito das convenções, das características, bem como do tipo de estrutura do texto, cuja leitura vão realizar. A variedade textual apresentada aos educandos nem sempre contribui para um total esclarecimento acerca das verdadeiras razões para que a prática da leitura seja desenvolvida.

Por esta razão, deve-se trabalhar desde cedo com os alunos as convenções da linguagem utilizada nos textos escritos. Isso pode contribuir em muito para a formação de bons leitores, e, por conseguinte, de bons produtores de textos, acadêmicos ou não.

Por meio do contato com a literatura infantil, bem como de experiências agradáveis vividas durante a fase de letramento, espera-se alcançar resultados positivos no que concerne à futura vida acadêmica dos educandos.

Carvalho explicita seu argumento com estas palavras:

Aprender a ler como se a leitura fosse um ato mecânico, separado da compreensão, é um desastre que acontece todos os dias. Estudar palavras soltas, sílabas isoladas, ler textos idiotas e repetir sem fim exercícios de cópia, resulta em desinteresse e rejeição em relação à escrita (CARVALHO, 2002, p. 65).

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 Características da pesquisa

A presente pesquisa, que se configura como um estudo exploratório, foi desenvolvida do mês de fevereiro a março de dois mil e quatorze na Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. João Navarro Filho.

Aplicamos um questionário com o objetivo de observarmos se os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental estão desenvolvendo a prática da leitura no cotidiano escolar, como, também, verificarmos se o trabalho está sendo desenvolvido de acordo com a proposta dos gêneros textuais e como eles estão contribuindo para a prática da leitura.

Durante a pesquisa fizemos estudos para averiguar se os objetivos da escola, relacionados ao trabalho com leitura, estão sendo alcançados. Através da conversa informal com os educadores e da aplicação do questionário, verificaremos se os alunos estão sendo estimulados a ler, se o professor está assumindo seu papel de mediador entre o conhecimento e o aluno, bem como avaliador do processo, tornando os conceitos e conteúdos possíveis de serem aprendidos pelos alunos, fornecendo as informações necessárias, motivando-os a refletir, investigar, levantar questões e trocar ideias com os colegas.

Numa primeira etapa da pesquisa, através da conversa informal com os alunos, professores, Secretaria Estadual de Educação e a direção da escola, os envolvidos tomaram conhecimento dos objetivos da pesquisa e a utilização dos dados coletados.

Numa segunda etapa da pesquisa, fizemos uma roda de conversa sobre o tema elaborado e uma sondagem para saber se os alunos gostam de ler e se sabem a importância da leitura.

Ao mesmo tempo, fizemos um levantamento da literatura e analisamos os dados procurando descobrir o que leva o aluno à dificuldade de aprendizagem na leitura.

2.2 Situando o campo de pesquisa

Nosso campo de pesquisa foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. João Navarro Filho, localizada a Rua Professora Alexandrina de Oliveira Lima, nº 35, no Bairro do Valentina I, na cidade de João Pessoa/Paraíba, que atende cerca de 960 alunos funcionando pelo turno da manhã com o fundamental I (do 1º ao 5º Ano), no turno da tarde com fundamental II (do 6º ao 9º Ano) e no turno da noite com a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O quadro da escola é formado por uma diretora geral e por duas diretoras adjuntas, uma coordenadora pedagógica, duas secretárias, onze professores pela manhã, treze professores à tarde e doze professores à noite.

2.3 Características dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos envolvidos nessa pesquisa são onze alunos do sexo masculino e treze alunas do sexo feminino na faixa etária entre doze e quinze anos, todos frequentando regularmente as aulas. Os alunos são moradores adjacentes e conhecidos na comunidade escolar. Todos se apresentaram com espontaneidade e segurança para participar da pesquisa, uma vez que esta se realizou com a própria professora da turma.

Todos residem na zona urbana com os pais e ou familiares. Na sua maioria são crianças carentes. Seus pais e ou familiares não tem uma renda fixa. Alguns trabalham como diarista, secretarias do lar, dentre outras atividades informais e são beneficiadas com o programa bolsa família. Percebemos que há um distanciamento entre professores e pais de alunos.

A direção, juntamente com os professores, se reúnem bimestralmente com os pais para apresentação do rendimento escolar e, também, para uma conversa amigável. Há, também, encontros com a comunidade escolar nas datas comemorativas como: Dia das Mães, São João, Folclore, entre outros.

É importante ressaltar que é de grande relevância esse tipo de relacionamento dentro da escola, estando esta a serviço de uma educação que permitira a construção real da cidadania.

Necessitamos de uma escola cujas relações entre seus membros possam estar assentadas nas bases da democracia e do respeito mútuo. De acordo com Morim (2000):

Até certa idade, a literatura prepara-nos para a vida. Ela canaliza o movimento entre o real e o imaginário. Aleita nossos topismos afetivos. No final da infância, ela nos data de uma alma... Ela propõe moldes sobre os quais se vestiram nossas tendências individuais, e este vestir, sejam roupas sob medida, sejam de confecção, dará forma a nossa personalidade. Ela nos oferece antenas para entrar no mundo não quero dizer que ela nos adapta a este mundo, ao contrário, seus fermentos de rejeição e de inadaptação e seu caráter profundamente adolescente contradizem este mundo. Mas contradizem-nos dando-nos acesso a ele. Pelo romance e pelo livro cheguei ao mundo (MORIM, 2000, p.20).

Podemos inferir, portanto, que por meio da leitura (literatura), podemos ampliar nossa percepção de mundo. Elas contribuem para que formatemos o mundo a partir dos valores captados e apreendidos nessa leituras.

2.4 Instrumento da pesquisa

Nosso instrumento de pesquisa foi um questionário aplicado com os alunos. Iniciamos fazendo uma roda de conversa sobre o tema elaborado e uma sondagem para averiguar se os alunos gostavam de ler e se sabiam sobre a importância da leitura. Levantamos alguns questionamentos como, por exemplo, se eles gostavam de ler, qual o gênero textual que mais gostavam, para que utilizavam a leitura, que tipos de atividades de leitura são trabalhados em sala e em qual local eles leem.

Escolhemos 21 alunos para analisar as respostas dadas ao questionário aplicado com o objetivo de verificar o incentivo da leitura. Com relação ao trabalho realizado em sala de aula, observamos que foram utilizadas leituras de diferentes gêneros textuais como: contos, gibis, tirinhas, anedotas, adivinhas etc., e foram usadas várias estratégias observando e procurando fazer descobertas acerca do que leva o aluno a gostar da leitura.

Através de conversa informal, de discussões e dos questionamentos, percebemos que os alunos estão sendo estimulados a ler fora do ambiente escolar, mas a maioria não tem acesso a outros tipos de gêneros textuais nos seus lares, nem tão pouco na sociedade na qual estão inseridos.

Entendemos que a escola precisa aprimorar o conhecimento sobre a prática da leitura, levando o aluno a compreender que esta não deve ser o único lugar de acesso à leitura. Enquanto pesquisadora, a nossa atuação foi positiva, pois a partir da pesquisa foi possível refletirmos sobre a importância do papel do professor na formação do aluno leitor.

Enquanto educadores que lidam com a sala em que foi realizada a pesquisa, conseguimos desenvolver de forma prazerosa o que aprendemos junto aos alunos, sendo de grande significado e relevância ao sentirmos o prazer do desenvolvimento de cada um durante a pesquisa.

Segundo os PCN's de Língua Portuguesa (1997, p.56):

Para aprender a ler é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, testemunharem a utilização que os já leitores fazem deles e participar de atos de leituras de fato; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo incentivo e ajuda de leitores experientes.

É de fundamental importância que os futuros leitores tenham contato com todo tipo de material escrito e cabe ao professor o papel decisivo na iniciação do prazer da leitura. Os alunos devem ver na leitura algo interessante e desafiador, uma conquista capaz de proporcionar autonomia e independência. Eles devem estar confiantes para enfrentar o desafio da leitura é “aprender fazendo”.

É lendo que se aprende a ler, a compreender o texto; caminhando, desta maneira, para o processo de aquisição da leitura. A função do professor é criar ambientes que dêem condições de ler, tentar despertar as crianças para as potencialidades da leitura, prepará-las para as competências leitoras, ajudá-las a compreender o mundo letrado.

CAPÍTULO 3

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O primeiro questionamento feito aos alunos foi se eles gostam de ler. Dos vinte e um entrevistados, dezoito alunos responderam sim e 3 responderam não. Tais respostas nos levam a constatar que a maioria gosta de ler, basta apenas que o professor use estratégias para que os alunos leiam diferentes gêneros, de forma espontânea e que tome gosto pela leitura.

Browne (1995, p.51-52) afirma que: “As crianças que nascem em ambientes letrados, desde cedo desenvolvem um interesse lúdico em relação às atividades de leitura que os adultos praticam ao seu redor”.

Caso pretenda desenvolver a capacidade de formar opiniões críticas e chegar a avaliações pessoais, o ser humano precisará continuar a ler por iniciativa própria. Como ler (se o faz de maneira proficiente ou não) e o que ler não dependerá, inteiramente, da vontade do leitor, mas o porquê da leitura deve ser a satisfação de interesses pessoais. Uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação e a transformação final tem caráter universal (BLOOM, 2001).

Como mediador da leitura, o professor é o especialista que precisa conhecer, selecionar e indicar livros para a criança, mas é preciso que ele próprio seja um usuário assíduo da literatura.

A segunda questão proposta aos alunos foi qual gênero textual eles mais gostam de ler. Dos entrevistados, oito alunos responderam que preferiam ler gibis, seis literatura infantil, quatro revistas, um preferia o jornal, um lia contos e um lia apenas o livro didático.

Pelas respostas dadas, percebemos que as crianças estão pouco a pouco adquirindo o hábito de ler. O ato de contar histórias para distração e encantamento das crianças derivou o gosto pela leitura de vários gêneros textuais, e desde os tempos remotos até a atualidade vem ganhando espaço na sociedade, mais precisamente na escola como forma de resgatar o gosto e hábito pela leitura. Segundo Zilberman (1986, p.21):

O livro didático exclui a interpretação e, com isto, exila o leitor. Propondo-se como auto-suficiente, simboliza uma autoridade em tudo contrária a natureza da obra de ficção que mesmo na sua autonomia, não sobrevive sem o diálogo que mantém com seu destinatário. E, enfim, o autoritarismo se apresenta de modo mais cabal quando o livro didático se faz portador de normas linguísticas, delegadas da ideologia do padrão culto e expressão de classes e setores que exercem a dominação social e política.

A leitura de diferentes gêneros textuais na escola tem sido premissa orientadora de inúmeros planejamentos. Assim, é importante que os alunos leiam diversos gêneros textuais ao longo da escolaridade.

A formação de leitores que compreendam o que lê e que sabe apreciar textos bem escritos só é possível se o professor promover frequentes práticas de leituras de textos literários e não literários. Também é fundamental para o professor tornar-se leitor – se ainda não o for – para atuar como modelo de seus alunos.

Ao serem questionados sobre para que utilizamos a leitura, doze alunos responderam que utilizam a leitura para a aprendizagem, oito para atividades escolares e um para lazer.

Percebemos que a leitura é utilizada para a aprendizagem como também para as atividades escolares que tem como finalidade a aprendizagem do aluno. A leitura é um processo dinâmico de construção de sentidos, ligado à necessidade de atuar, no qual intervém, também, a afetividade e as relações sociais.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.53):

a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a língua: característica do gênero do portador do sistema de escrita, etc.

A escola pode ajudar a construir motivações para que o ato de ler seja mais que uma exigência escolar. Iniciar as aulas lendo um poema, uma história aconche-gante, uma notícia de jornal que apresenta um acontecimento “badalado”, que deixa os alunos a par das informações, uma trova popular, um texto engraçado, é uma experiência inesquecível e fundamental na formação de um leitor.

Essas motivações tornam-se fundamentais no processo com a prática da leitura à medida que a aprendizagem da leitura não é compreendida como uma aquisi-

ção mecânica, pois quando entendida dessa forma acaba-se transformando essa prática num ato de sacrifício, sem desejo e prazer.

Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça, que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha ao seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos.

A aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem. Portanto, um dos múltiplos desafios a ser enfrentados pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente.

Questionados sobre que tipo de atividades a professora realiza, vinte alunos responderam que a avaliação é uma das atividades mais praticadas e apenas um disse ser oficina.

Com isso, ficou claro que as atividades de leitura desenvolvidas na escola são praticamente voltadas para a avaliação. A idéia de que temos que aplicar alguma atividade de avaliação após a leitura levou muita gente a pensar nas boas intenções, a criar um dos vícios pedagógicos mais difíceis de ser removidos ou alterados: a aplicação de atividades de verificação da aprendizagem sobre o texto lido.

Sobre o assunto discutido, defendem os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.54) que:

A leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir, também, objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata.

Se a escola reduzir as atividades de leitura a simples pretextos para ocupar o tempo dos alunos, para diagnosticar sua capacidade mental e para avaliar seu desempenho, que sentido para a vida real terá a leitura para a maioria dos alunos oriundos de classes sociais onde a leitura é praticamente inexistente?

Se a leitura que a escola ensina não tiver uma função específica para a vida das pessoas de nada adiantará colocar as crianças na escola. Saber ler para garantir nota parece ser um objetivo muito pobre diante da possibilidade de compreender

que através da leitura podemos ampliar nossos conhecimentos sobre nós mesmos e o mundo em que vivemos.

O sentido de adquirir conhecimentos como ler, deve estar associado à possibilidade de encontrar prazer em tais atividades. Tanto o professor como o aluno deve viver a experiência e descoberta da leitura.

Questionados sobre os locais em que lêem, 13 alunos responderam que lêem em casa e 8 que lêem apenas na escola. Atitudes como gostar de ler e interessar-se pela leitura são construídas aos poucos por algumas pessoas, no convívio familiar e em outras vivências onde o hábito de ler circula no seu cotidiano.

No que concerne a esta discussão, Cagliari (1998, p.148) afirma que “[...] a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura”.

É através da leitura que o aluno cresce, descobre, conhece o mundo muito mais amplo e cheio de coisas diferentes – ou iguais, porém, sobre uma óptica diferente. A leitura abre a mente, trabalha a emoção e promove a sabedoria e o raciocínio e... Muito mais.

Segundo as considerações de Mota (1994) a respeito do assunto discutido acima:

Quando a leitura é uma necessidade, um gosto, apreciado num ambiente em que a criança vive se é partilhada, usufruída em comum, a criança desenvolverá o quanto puder a capacidade de ler, mesmo que ainda não conheça, não domine a letra, a palavra escrita” (MOTA, 1994, p).

A escola, na maioria dos casos, representa a única oportunidade de a criança manter contato com uma leitura sistemática. No entanto, essa atividade não deveria ser obrigatória, mas deveria ser como arte, usada de maneira criativa, viva, engraçada, muito interessante, porque se assim não for, faz com que a leitura fique parecendo uma tarefa.

Os bons leitores não são apenas os que compreendem mais e melhor os textos que lêem, mas os que sentem prazer e gosto pela leitura. Uma característica intrínseca do bom leitor é a capacidade de desfrutar a leitura com emoção e com paixão.

Segundo Bamberger (2006, p. 6):

Embora seja relativamente fácil ensinar uma criança ou um adulto a reconhecer letras e palavras, essa habilidade pode ser rapidamente perdida. Leitores iniciantes, independentemente da idade, poderão ficar desencorajados se a leitura não fizer parte de seu ambiente cultural ou não encontrarem ao seu alcance livros afinados com seus gostos. Até nos países mais adiantados, grandes parcelas da população abandonam a leitura assim que saem da escola.

Não nos basta, portanto, aprender a decodificar símbolos, ou conseguir decifrar a porção mais superficial do texto; é preciso adentrá-lo profundamente, a fim de que alcancemos um nível de compreensão satisfatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo proporcionou a oportunidade de pesquisar e escrever sobre o papel do professor no processo de leitura, como também ajudou-nos a compreender aspectos importantes no processo de aprendizagem da leitura, a relação entre a leitura e o conhecimento, o ensino da leitura, a leitura na escola, a importância do professor na formação de um leitor ativo, reflexivo, dinâmico e crítico na sociedade na qual está inserido.

Acreditamos que através da leitura podemos formar cidadãos críticos e conscientes para atuar na sociedade e o professor tem em suas mãos uma das mais importantes funções que é a de mediador, agente de transformação social que contribui decisivamente com o ato de ler, com a prática da leitura em sala de aula, que prepara o aluno para ter uma visão ampla de leitura voltada para a sua função dentro e fora da escola, sabendo utilizá-la no seu cotidiano com competência.

Um dos maiores incentivadores na formação do aluno leitor é o professor. Portanto, é necessário que o professor esteja preparado para enfrentar os desafios da sociedade contemporânea, com uma visão de mundo, de escola, de aprendizagem e educação como um todo.

É fundamental que o professor esteja consciente de seu papel como educador, pois é a figura responsável pelo processo de ensino aprendizagem e o mediador do equilíbrio neste processo de leitura. Neste sentido, é necessário e urgente que os professores continuem mantendo a leitura na vida cotidiana dos alunos e priorizando a qualidade do ensino em benefício do processo de aprendizagem dos envolvidos no processo, buscando mais e mais métodos e estratégias que beneficiem o entendimento dos alunos e despertem o interesse, o gosto e o prazer pela leitura.

O aluno precisa ser estimulado pela família, pela sociedade e acima de tudo, pelo professor, sobre as vantagens e as desvantagens de ser letrado na sociedade em que vivemos.

A leitura irá ajudar a ascender culturalmente e socialmente, ajudar o aluno a organizar-se, realizar-se e a melhorar a sua auto-estima como ser humano, conhecer a si mesmo e, além de adquirir conhecimentos para ajudar a construir um mundo melhor, tornando-se um cidadão responsável e respeitável, ciente de seus direitos e

deveres, aplicando no seu dia a dia as teorias e conhecimentos recebidos durante sua vida escolar.

Diante da análise dos questionários aplicados, chegamos à conclusão que o professor deve propiciar aos alunos condições necessárias para que eles se tornem leitores fluentes. Sabemos que a leitura é atividade que propicia a aprendizagem e integração de novas informações aos conhecimentos e experiências anteriores na construção dos significados. Ninguém aprende a gostar de leitura apenas ouvindo falar de livros ou vendo de longe os livros trancafiados numa prateleira. É necessário que a criança pegue e manipule o livro.

Quando houver uma função para a leitura, as capacidades necessárias para ler deixarão de ser um problema. Entretanto, o professor e a escola precisam estar preparados para enfrentarem as dificuldades e desafios das sociedades, levando seus alunos a um efetivo aperfeiçoamento de sua capacidade linguística, ampliando sua possibilidade de modificar a realidade e o meio que os cerca.

Transformar a leitura em um hábito regular requer bem mais do que infraestrutura. A escola, por excelência, é um espaço de leitura. Garantir as condições necessárias para que isso ocorra é só o primeiro passo para formar um país de leitores. Quer criar leitores? Cerque as crianças de livros.

O melhor jeito de formar leitores é deixar as crianças livres para investigar, folhear e escolher o que quiserem, e isso se consegue deixando que leiam, que digam, que pensem. “Ler é aproximar-se de algo que acaba de ganhar existência”. (CALVINO, 2003, p. 12).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender**. Campinas: Fundação EDUCAR D. Paschoal, 2004.
- AMORIM, M. L. V. Ensinando leitura na sala de aula de inglês: teoria e prática. In: TADDEI, Eliane. **Perspectivas**: O ensino da língua estrangeira. Rio de Janeiro: SME, 1997.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro**. 8 Interação. São Paulo: Parábola, Editorial, 2003.
- BAMBERGUER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2006.
- BARROS DOS SANTOS, Gláurea. PARADA SIMÃO, Sueli. Processo de Alfabetização. **Subsídios para um trabalho eficiente**. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- BLOOM, Haroldo. **Como e porque ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BRAGANÇA, Angiolina; CARPANEDA, Isabela. **Língua Portuguesa - Bem-ti-li**. 1ª Série. Editora FTD. S.A São Paulo. 2ª ed. 2005. Manual do Professor.
- BRAGGIO, Silvia L. B. **Leitura e alfabetização**: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 2. Língua Portuguesa: ensino de 1ª a 4ª série. Brasília: 1997.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo. Scipione, 2009 (coleção Pensamento e Ação em sala de aula)
- CALVINO, I. Se um viajante numa noite de inverno. São Paulo: Planeta de Agostini, 2003.
- CAMPOS, Magna. **Campos Diálogo entre universidade e educação básica para a formação do professor**: presença pedagógica - julho/agosto, 2012. Editora dimensão.
- CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo, SP: Ática, 2002
- CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org.). **Alfabetização e**

letramento na sala de aula. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2009.

CASTRO GOMES, Maria Lucia de. **Metodologia do ensino de Língua Portuguesa conforme a nossa ortografia.** 1ª ed., São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

CORACINI, Maria José. (org). **O jogo discursivo na aula de leitura.** Campinas, SP: Pontes, 2002.

FERNANDES, Maria. **Coleção ativa.** Língua portuguesa. 4ª serie. Escola Educacional. 1ª ed. São Paulo, 2005.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Artmed Editora. Porto Alegre. 1999.

FOUCAMBERT, J. **A Criança, o professor e a leitura.** Trad: Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 51. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KLEIMAN, A. **Leitura:** ensino e pesquisa. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?.** 13 ed. São Paulo: Editora Brasiliense 1994.

MONTEIRO, M.M; **Leitura e escrita:** uma análise dos problemas de aprendizagem. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. Ensinar a Condição Humana. In: **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro.** São Paulo: Cortez, Brasília, DF, UNESCO, 2000.

MOTA, Francisca Rosaline Leite. Bibliotecários e professores no contexto escolar: uma interação possível e necessária. In: SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR, 3, 2004, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos...** Belo Horizonte: GEBE, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura.** São Paulo: UNICAMP, 1996a.

PIAGET, J. **A Linguagem e o pensamento da criança.** Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

REYNES, Yolanda. LER NA ESCOLA. In: **Revista Nova escola:** a revista de quem educa. Págs. 50-54-55-57, Agosto, 2010.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita**: letramento na cibercultura. Educ. Soc. [online], 2002, vol.23, n.81

SOLÉ, Maria. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.

ZILBERMAN, Regina. Leitura na escola. In: ZILBERMAN (org). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ANEXOS

ANEXO A

Questionário aplicado aos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. João Navarro Filho

Série 5º (Turma C)

Nº de alunos: 24

1º Você gosta de ler?

() sim () não

2º Qual o gênero textual que você mais gosta de ler?

() Jornal () Revista

() Gibis () Literatura Infantil

() Livros didáticos () Contos

3º Para que utilizamos a leitura?

() Aprendizagem () Atividades Escolar

() Prazer () Lazer

4º Que tipos de atividades a professora trabalha?

() Oficinas () Avaliação

5º Em quais locais vocês leem?

() Apenas na Escola () Em Casa

Os deveres do leitor

POR BRÁULIO TAVARES

1 Prestar atenção à história, se é uma história que está sendo contada. Acompanhar uma história é diferente de olhar uma pintura. Há livros que são feitos como pinturas, outros como músicas, outros pequenos teatros da vida imaginada. Uma história é uma sequência de acontecimentos e tem suas regras. Ao pegar o livro para prosseguir na leitura, é sempre bom dar uma passada rápida no que foi lido antes.

2) Cuidar bem do livro. Não é preciso tratá-lo como se fosse uma relíquia, basta cuidar para que não se estrague. Sublinhar, escrever comentários, tudo é encorajado, a não ser em edições especiais (ou num livro alheio). Um livro é um instrumento, só funciona se estiver em boas condições.

3) Dar uma chance ao livro, às vezes mais que uma. Não se manda um livro para o sebo só porque não foi lido na primeira tentativa. Às vezes, o livro tem um tempo certo para ser lido. Isso acontece frequentemente com os clássicos, que o leitor muitas vezes se sente obrigado a ler por causa da fama, mas tenta ler num momento pouco adequado. Se o livro é de fato importante, vale a pena guardá-lo sem ler até a hora certa.

4) Obrigar-se a recordar o que foi lido, ficar pensando, examinando, interpretando, quando estiver de bobeira longe do livro. Ler não acontece apenas quando estamos lendo as frases do livro, mas quando pensamos nele a distância, saboreando e testando os reflexos que deixou na memória.

5) Saber distinguir entre o livro e o autor (um mau sujeito pode escrever um bom li-



Ler não acontece apenas quando estamos lendo as frases do livro, mas quando pensamos nele a distância. Quem diz que não tem tempo para ler não sabe o tempo que está perdendo

vro, e vice-versa). Saber distinguir entre os personagens e o autor (nem tudo que os personagens dizem é opinião pessoal do autor). Saber distinguir entre a imagem pública que o autor divulga de si mesmo e sua pessoa real, que nem sempre dá para perceber.

6) Ter confiança no autor. O leitor entra no livro de olhos vendados e o autor é seu guia. Acreditar que o que não está explicado agora será explicado mais adiante, não ficar impaciente por não estar entendendo tudo, deixar-se entrar no jogo e acompanhar o que acontece. Se o autor não merece confiança, para que abrir o livro?

7) Ter sempre um livro à mão para ler naqueles cinco ou dez minutos de não fazer nada: na cabeceira da cama, na poltrona da sala, no banheiro, na pasta (ou na bolsa), em cima da escrivaninha. Aprender a ler no metrô, na fila do banco, no aeroporto. Quem diz que não tem tempo para ler não sabe o tempo que está perdendo.

Bráulio Tavares é escritor e compositor e mantém o blog Mundo Fantasma www.mundofantasma.blogspot.com